



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA BENTO XVI POR OCASIÃO DA ENTREGA DO «PRÉMIO RATZINGER»

Quinta-feira, 30 de Junho de 2011

Senhores Cardeais

Venerados Irmãos

Ilustres Senhores e Senhoras!

Gostaria de expressar antes de tudo a minha alegria e gratidão pelo facto de que, com a entrega do seu primeiro prémio teológico, a Fundação que tem o meu nome dá reconhecimento público à obra realizada no espaço de toda uma vida por dois grandes teólogos, e a um teólogo da geração mais jovem dá um sinal de encorajamento para progredir no caminho empreendido. Ao Professor González de Cardedal liga-me um caminho comum de muitos decénios. Ambos iniciámos com *são Boaventura* e por ele nos deixamos indicar o rumo. Numa longa vida de estudioso, o Professor González tratou todos os grandes temas da teologia, e isto não simplesmente reflectindo sobre eles ou falando à mesa, mas sempre confrontada com o drama do nosso tempo, vivendo e sofrendo também de modo totalmente pessoal as grandes questões da fé e com elas as questões do homem de hoje. Deste modo, a palavra da fé não é uma coisa do passado; nas suas obras ela torna-se de veras nossa contemporânea. O Professor Simonetti abriu-nos de modo novo o mundo dos Padres. Precisamente mostrando-nos, sob o ponto de vista histórico, com exactidão e solicitude o que os Padres dizem, eles tornam-se pessoas nossas contemporâneas, que falam connosco. O Padre Maximilian Heim foi eleito recentemente Abade de Heiligenkreutz perto de Viena — um mosteiro rico de tradição — assumindo com isto a tarefa de tornar actual uma grande história e de a conduzir para o futuro. Nisto, espero que a obra sobre a minha teologia, que ele nos doou, lhe possa ser útil e que a Abadia de Heiligenkreutz possa, neste nosso tempo, desenvolver ulteriormente a teologia monástica, que sempre acompanhou a universitária, formando com ela o conjunto da teologia ocidental.

Contudo, não é tarefa minha preferir aqui uma *laudatio* dos premiados, que já foi feita de modo

competente pelo Cardeal Ruini. Mas talvez a entrega do prémio ofereça a ocasião para nos dedicarmos por um momento à questão fundamental do que é verdadeiramente a «teologia». A teologia é ciência da fé, diz-nos a tradição. Mas aqui surge imediatamente a pergunta: isto é de veras possível? Ou não é em si uma contradição? Porventura ciência não é o contrário de fé? Não deixa a fé de ser fé, quando se torna ciência? E não deixa a ciência de ser ciência quando está ordenada ou até subordinada à fé? Tais questões, que já para a teologia medieval representavam um sério problema, com o moderno conceito de ciência tornaram-se ainda mais impelentes, à primeira vista até sem solução. Compreende-se assim por que, na era moderna, a teologia em vastos âmbitos se retirou primariamente no campo da história, a fim de demonstrar aqui a sua séria cientificidade. É preciso reconhecer, com gratidão, que com isto foram realizadas obras grandiosas, e a mensagem cristã recebeu nova luz, capaz de tornar visível a sua riqueza íntima. Contudo, se a teologia se retira totalmente no passado, hoje deixa a fé às escuras. Numa segunda fase concentrámo-nos depois na prática, para mostrar como a teologia, em ligação com a psicologia e a sociologia, é uma ciência útil que dá indicações concretas para a vida. Também isto é importante, mas se o fundamento da teologia, a fé, não se torna contemporaneamente objecto do pensamento, se a prática for referida só a si mesma, ou se vive unicamente dos empréstimos das ciências humanas, então a prática torna-se vazia e desprovida de fundamento.

Por conseguinte, estes caminhos não são suficientes. Por mais úteis e importantes que sejam, eles tornar-se-iam subterfúgios, se a verdadeira pergunta permanecesse sem resposta. Ela reza: é verdade aquilo em que cremos, ou não? Na teologia está em jogo a questão acerca da verdade; ela é o seu fundamento último e essencial. Aqui uma expressão de Tertuliano pode fazer-nos dar aqui um passo em frente; ele escreve que Cristo não disse: Eu sou o costume, mas: Eu sou a verdade — *non consuetudo sed veritas* (*Virg.* 1, 1). Christian Gnilka mostrou que o conceito *consuetudo* pode significar as religiões pagãs que, segundo a natureza, não eram fé, mas «costume»: faz-se aquilo que sempre se fez; observam-se as formas culturais tradicionais e espera-se permanecer assim na justa relação com o âmbito misterioso do divino. O aspecto revolucionário do cristianismo na antiguidade foi precisamente a ruptura com o «costume» por amor à verdade. Tertuliano fala aqui sobretudo com base no Evangelho de São João, no qual se encontra também a outra interpretação fundamental da fé cristã, que se expressa na designação de Cristo como *Logos*. Se Cristo é o *Logos*, a verdade, o homem deve corresponder-lhe com o seu próprio *logos*, com a sua razão. Para chegar a Cristo, ele deve estar no caminho da verdade. Deve abrir-se ao *Logos*, à Razão criadora, da qual deriva a sua própria razão e para a qual ela o remete. Daqui compreende-se que a fé cristã, pela sua própria natureza, devia suscitar a teologia, interrogar-se sobre o bom senso da fé, mesmo se naturalmente o conceito de razão e de ciência abraçam muitas dimensões, e assim a natureza concreta no nexa entre fé e razão devia e deve ser sempre de novo investigada.

Portanto, por mais claro que se apresente no cristianismo, o vínculo fundamental entre *Logos*, verdade e fé — a forma concreta deste vínculo suscitou e suscita sempre novas perguntas. É claro que neste momento esta pergunta, que ocupou e ocupará todas as gerações, não pode ser

tratada em particular, nem sequer de modo geral. Gostaria apenas de tentar propor uma pequeníssima nota. São Boaventura, no prólogo ao seu *Comentário às Sentenças* falou de dúplice uso da razão — de um uso que é irreconciliável com a natureza da fé. Existe, assim se diz, a *violentia rationis*, o despotismo da razão, que se faz juiz supremo e último de tudo. Este tipo de uso da razão é certamente impossível no âmbito da fé. Que quer dizer Boaventura com isto? Uma expressão do Salmo 95, 9 pode mostrar-nos do que se trata. Aqui Deus diz ao seu povo: «No deserto... os vossos pais tentaram-me. Puseram-me à prova mesmo tendo visto as minhas obras». Menciona-se aqui um dúplice encontro com Deus: eles «viram». Mas isto para eles não é suficiente. Eles põem Deus «à prova». Desejam submetê-lo a uma experimentação. Ele é, por assim dizer, submetido a um interrogatório e deve sujeitar-se a um procedimento de prova experimental. Esta modalidade de uso da razão, na era moderna, alcançou o ápice do seu desenvolvimento no âmbito das ciências naturais. A razão experimental hoje é considerada como a única forma de racionalidade declarada científica. O que não pode ser cientificamente provado ou falsificado é excluído do âmbito científico. Com esta orientação foram realizadas obras grandiosas, como sabemos; que ela seja justa e necessária no âmbito do conhecimento da natureza e das suas leis, ninguém pretenderá pô-lo seriamente em dúvida. Contudo existe um limite para este uso da razão: Deus não é um objecto da experimentação humana. Ele é Sujeito e manifesta-se unicamente na relação de pessoa a pessoa: isto faz parte da essência da pessoa.

Nesta perspectiva Boaventura menciona um segundo uso da razão, que é válido para o âmbito «pessoal», para as grandes questões do próprio ser homens. O amor quer conhecer melhor aquele que ama. O amor, o amor verdadeiro, não torna cegos, mas videntes. Dele faz parte precisamente a sede de conhecimento, de um verdadeiro conhecimento do outro. Por isso, os Padres da Igreja encontraram os precursores e os mensageiros do cristianismo — fora do mundo da revelação de Israel — não no âmbito da religião habitual, mas nos homens em busca de Deus, em busca da verdade, nos «filósofos»: em pessoas que estavam sequiosas da verdade e por conseguinte estavam no caminho rumo a Deus. Quando não há este uso da razão, então as grandes questões da humanidade são postas fora do âmbito da razão e são deixadas à irracionalidade. Por isto é tão importante uma teologia autêntica. A fé recta orienta a razão para a abertura ao divino, para que ela, guiada pelo amor à verdade, possa conhecer Deus mais de perto. A iniciativa para este caminho encontra-se junto de Deus, que colocou no coração do homem a busca do seu Rosto. Portanto, faz parte da teologia, por um lado a humildade que se deixa «tocar» por Deus, por outro a disciplina que se liga à ordem da razão, que preserva o amor da cegueira e que ajuda a desenvolver a sua força visiva.

Estou bem ciente de que com tudo isto não foi dada uma resposta à questão acerca da possibilidade e da tarefa da recta teologia, mas foi apenas ressaltada a grandeza do desafio ínsito na natureza da teologia. Contudo é precisamente deste desafio que o homem precisa, porque ele estimula-nos a abrir a nossa razão interrogando-nos acerca da própria verdade, acerca do rosto de Deus. Por isso estamos gratos aos premiados que mostraram na sua obra que a razão, caminhando pela pista traçada pela fé, não é uma razão alienada, mas é a razão que responde à

sua altíssima vocação. Obrigado.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana